



Marion  
Minerbo

#Ateliê Clínicos

*Odeio  
meus pais!  
e outros ateliês*

Volume 2

**Blucher**

# ***ODEIO MEUS PAIS!***

*e outros ateliês*

Marion Minerbo

**Revisão técnica**

*Isabel Lobato Botter*

*Luciana Botter*

*Odeio meus pais! e outros ateliês*

© 2024 Marion Minerbo

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Eduardo Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Pré-produção:* Aline Fernandes

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Departamento de produção

*Preparação de texto* Regiane Miyashiro

*Diagramação*

*Revisão de texto*

*Capa* Leandro Cunha

## Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

**Mandelbaum, Belinda**

*Trabalhos com famílias em psicologia social/*

Belinda Mandelbaum. — 2. ed. — São Paulo: Blucher, 2023.

206 p.

ISBN 978-65-5506-602-9

1. Psicologia social 2. Desemprego 3. Educação infantil 4. Violência familiar I. Título

23-3532 — CDD 302.01

---

Índice para catálogo sistemático:

1.

# Conteúdo

Agradecimentos	7
Algumas palavras	11
1. “Odeio meus pais!”	13
2. O adolescente sem saída	49
3. O vínculo que vira fumaça	79
Referências	109

# Atêlie 1

## “Odeio meus pais!”

Escolhi este ateliê para abrir o volume 2 porque mostra alguns aspectos muito comuns da clínica do supereu cruel na sua vertente paranoica (há também a vertente melancólica).

É um tema que conheço bem, de modo que não foi difícil reconhecer, logo no primeiro encontro, a constelação sintomática da paciente Cida e os principais aspectos de seu funcionamento psíquico. Pudemos ver também um elemento que se repete na contratransferência do atendimento de pacientes paranoicos: o medo de se tornar objeto de ódio do paciente, ou seja, de ser “cancelada”.

A grande dificuldade que se coloca na clínica desses pacientes é descolar do conteúdo manifesto. Somos capturados por historinhas muito convincentes – sempre as mesmas – de como foram desrespeitados, humilhados, prejudicados ou injustiçados, e como não tiveram alternativa a não ser partir para a briga. Corremos o risco de fazer intervenções superegoicas que retraumatizam o paciente e instalam uma transferência negativa difícil de manejar.

Para evitar esse problema, e para ajudar o paciente a retomar seu processo de simbolização do traumático, não há outro caminho a não ser acessar o sofrimento da criança-no-adulto. Como o caso é muito típico, foi uma excelente oportunidade para mostrar aos participantes do ateliê como as ideias que desenvolvi no meu texto sobre a constituição do supereu cruel nos ajudam a entender e a trabalhar com esse tipo de paciente (Minerbo, 2019a). Foi um bom exercício de integração teórico-clínica.

### *Primeiro encontro*

Cida, 30 anos, enfermeira. É a mais velha de três irmãos. Conta uma história cheia de tragédias, transbordando de ódio por todos os poros.

*Minha gestação não foi planejada. Nasci de um momento de loucura daquele homem (pai), que transou com aquela mulher (mãe). Ela era uma mulher da vida. Não tive pai nem mãe. Tive dois bichos que se uniram e pariram uma filha.*

*Desde os sete anos tive que ajudar a cozinhar, lavar, limpar e cuidar dos meus irmãos. Com dez anos, minha mãe saiu de casa. Meu pai tinha sumido. Eu e meus irmãos ficamos três dias na calçada esperando que alguém nos ajudasse. Com 14 anos, descobri que minha mãe tinha fugido para se casar com outro homem.*



*Minha mãe teve complicações no meu parto e quase morreu. Toda hora ela me dizia: “você quase me matou”. Apesar do ódio que eu sentia dela, quando descobri que meu pai estava traindo, fiquei revoltada. Peitei o meu*

*pai para defendê-la. Ele ficou com ódio de mim e dizia que eu era uma vagabunda igual à minha mãe. Sempre fui considerada bocuda porque eu não aceitava as coisas, dizia tudo na cara. Fiz isso com meu pai, faço com todo mundo.*

Uau! Cida sabe como causar impacto! De todas essas tragédias, as que se destacam na minha escuta são as duas últimas. A mãe que a acusa de quase matá-la. E ela peitando o pai, que a acusa de ser vagabunda e bocuda. Explico aos participantes do ateliê que essas historinhas chamam mais a minha atenção porque as interpreto como ataques filicidas. O pano de fundo da minha escuta são as ideias que desenvolvi no meu texto sobre a constituição do supereu cruel (Minerbo, 2019b).

O aspecto paranoico do objeto projeta para dentro da criança seus próprios objetos internos maus, vê a criança “do mal” como ameaça à sua integridade narcísica, e deseja se livrar dela – são o que tenho chamado de ataques filicidas ou microvotos de morte.

Veja só. Cida *não deveria ter nascido* (ela veio atrapalhar a vida da mãe: “você quase me matou”). E com o pai a dinâmica é clássica: ao se sentir ameaçado em seu narcisismo (Cida denuncia a traição), ele “surta” e se defende atacando o narcisismo da criança. Resulta que, para o aspecto paranoico desse objeto, *Cida não deveria existir* (você é do mal, é bocuda, vagabunda como sua mãe). A teoria ilumina a clínica e vice-versa.

Ainda estamos no primeiro encontro, mas posso apostar que essa figura que deseja sua morte vai se atualizar em algum objeto do cotidiano. Esse objeto vai ser vivido como Entidade, aquele objeto interno/externo, acima do bem e do mal, que pode salvar, mas pode destruir a criança. Comecei a usar o termo Entidade (que corresponde à Mãe

Arcaica) com mais frequência no meu livro *Notas sobre a aptidão à felicidade* (Minerbo, 2023). Tem sido bem útil nos vários ateliês.



Nossa colega conta que, a partir de certo momento, os relatos ressentidos sobre o passado cederam lugar a relatos sobre o ressentimento no cotidiano. Para nós, estes são mais reveladores do que a história de vida porque estão *pulsionalmente quentes*. Não nos esqueçamos de que nossa escuta supõe dois conceitos fundantes da psicanálise: inconsciente e transferência. O inconsciente se atualiza como transferência, produzindo efeitos concretos na vida do paciente (Minerbo, 2016b).

Desse modo, são as historinhas que nos permitem reconhecer: 1) *quem*, no cotidiano, funciona como suporte transferencial das figuras internalizadas; e 2) *quais cenas atualizam alucinatoriamente* os elementos traumáticos do passado que estão à espera de elaboração e de integração (ver Atêlie 2 – “Você sabe para que serve uma análise?”, do volume 1).

Pois bem. O teor das historinhas é sempre o mesmo: *ela é perseguida e não reconhece seu valor*. Isso aconteceu na faculdade, mas está acontecendo de novo no hospital em que trabalha. Há longos relatos sobre como foi “jogada naquele lugar” e teve que se virar sozinha. Não é difícil reconhecer aí a descrição que fez de sua infância – as crianças jogadas na calçada tendo que se virar. Nosso problema é que a paciente sabe disso:

*A sala de emergência do hospital é como minha casa  
[longa descrição].*

...



*Minha chefe me persegue [longa descrição]. Ela tem a voz da minha mãe.*

...

*A culpa é dos meus pais. Fiquei traumatizada.*

Conseguimos entender a dificuldade da colega. A paciente tem teorias fechadas que explicam tudo, inclusive por que a vida dela está tão complicada. Embora tenha certa razão, isso não nos ajuda. Para escapar desse circuito fechado, precisamos encontrar a Entidade atualizada no presente.

MARION – TEM OUTRAS HISTORINHAS?

*Sim, tem.*

*Prestei um concurso e ganhei uma bolsa para cursar a faculdade de enfermagem. Mas eles não queriam cumprir a parte deles. Só que era meu direito, já que pela lei eles são obrigados a ter uma cota de bolsistas. Tive que entrar na Justiça e ganhei. Me formei há 2 anos.*

...

*Entrei com um processo contra o hospital no qual estou trabalhando. Estou estudando Direito de noite e por isso preciso dar meus plantões de dia. Pelo contrato, tenho direito de escolher se trabalho de dia ou de noite. Mas eles não querem me colocar de dia. É pura perseguição.*

M – ÓTIMO. ACHAMOS AS ENTIDADES: A FACULDADE E O HOSPITAL.

Cida traz mil historinhas com a faculdade e o hospital porque elas atualizam a matéria psíquica em estado bruto que está em busca de simbolização (Minerbo, 2016b). Dito de outra forma:

precisamos da repetição para reconhecer o material que está em busca de simbolização.

M – E O QUE ESSAS HISTORINHAS NOS CONTAM?

Na minha escuta, elas contam que a criança-em-Cida teve que se constituir em um vínculo precoce no qual sofreu abuso de poder por parte das figuras parentais. Sei que parece viagem minha. Mas vejam só: faculdade e hospital podem ser entendidos como representantes da Entidade – uma figura interna/externa que está *acima da lei e pode tudo*: pode não aceitar sua matrícula, pode excluí-la da escala diurna. E nos dois casos, ela será tremendamente prejudicada.

A Mãe Arcaica (Klein, 1997) e o Pai da Horda (Freud, 1913/2012) são duas versões dessa figura interna/externa que apelidei de Entidade. E a criança-em-Cida é dependente dela: precisa da bolsa porque não tem dinheiro, precisa dos plantões diurnos para poder estudar à noite. Estou tentando acessar o sofrimento da criança-no-adulto<sup>1</sup>, pois é ele que nos remete ao traumático em busca de simbolização e de integração.

No ateliê, insisto em que não é necessário falar de mãe e de pai para acessar o traumático. Basta reconhecer quem/o que, no material clínico, ocupa o lugar da Entidade. Veremos que, diante dela, só é possível a submissão ou a revolta. Cida escolheu a revolta, por isso foi considerada bocuda. Em psiquiatria, chamávamos esses pacientes de “querelantes” (reivindicador, queixoso, briguento).

---

1 Uso o termo criança-no-adulto com hífen para deixar claro que se trata de um conceito: o infantil (e o arcaico)!; É uma referência aos restos não integrados da nossa história emocional, à cicatriz viva de um passado que não passou, e que continua produzindo efeitos em nossas vidas.

As duas historinhas revelam também que a criança-em-Cida não contou com um terceiro – alguém que pudesse barrar o abuso de poder por parte da Entidade. Daí que ela, como tantos desses pacientes, recorra à Justiça como terceiro. Muitos desses pacientes tornam-se advogados ou juízes: lutar contra as injustiças dá sentido às suas vidas. Não é à toa que Cida está estudando Direito.



Cida tem dificuldades financeiras e nossa colega precisou fazer um preço especial. Durante algum tempo, atendeu-a sem cobrar nada.

M – COMO FOI ISSO?

Entre os motivos conscientes, ficou sensibilizada por uma história de vida tão trágica e acha que Cida precisa muito de ajuda. Entre os motivos inconscientes – e aqui entra a contratransferência –, sente-se tentada a ser uma “mãe melhor” do que a que Cida teve. É um equívoco comum, como procurei esclarecer no Atêlie 2 – “Você sabe para que serve uma análise?”, do volume 1.

Mas não é só por isso que nossa colega a atendeu de graça por um tempo. Conversando um pouco mais, nossa colega descobriu que *tem medo* de não atender à demanda, de vir a ser odiada e “cancelada”. É a lógica do “tudo ou nada”, típica da posição esquizoparanoide (Klein, 1946/1991). Todos conhecemos pacientes que enxergam tudo como totalmente bom ou totalmente mau, preto ou branco. É menos comum identificarmos esse sistema quando ele se atualiza na transferência. Aqui, a analista intui que, se não for idealizada, será demonizada e sente medo.

Ressalto que esse medo é o “arroz com feijão” quando atendemos pacientes com aspectos paranoicos importantes, como é o caso

Como cocriar sentido para o traumático vivido?



Neste volume, Marion Minerbo explora essa questão em três ateliês clínicos, ao apresentar diferentes facetas do traumático a partir de casos que possuem como elemento comum o ódio em relação aos pais. No entanto, sua compreensão metapsicológica será diversa com cada paciente: os ataques do supereu cruel, a captura subjetiva ou ainda as falhas de *holding* na relação com o objeto primário. Nos quatro encontros de cada ateliê, a autora mostra que, para compreender em que tipo de vínculo se constituiu esse sujeito, é preciso escutar para além do ódio. Só assim será possível elaborar interpretações capazes de dar significado a vivências tão carregadas de elementos mortíferos, e que constantemente desafiam a contratransferência do analista.

Bruna Paola Zerbinatti

# Ateliê Clínicos  
Marion Minerbo



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Odeio meus pais! - Vol. 2 E outros ateliês

---

Marion Minerbo

ISBN: 9788521223368

Páginas: 112

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---